

Perceção do funcionamento familiar e rede social pessoal de estudantes universitários

Mariana Couceiro¹, Joana Sequeira² e Sónia Guadalupe³

Resumo

O presente estudo teve como objetivo analisar a perceção que os estudantes universitários têm do funcionamento das suas famílias, caracterizar a sua rede social pessoal e explorar as relações entre estas variáveis. A amostra foi composta por 247 estudantes de Ensino Superior, com idades compreendidas entre os 17 e os 55 anos, que preencheram a Escala de Avaliação da Flexibilidade e da Coesão Familiar versão IV e o Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal. Relativamente aos resultados obtidos, os estudantes percecionaram as suas famílias como equilibradas. Porém, revelaram-se pouco satisfeitos com as mesmas. Os participantes que estão com a família mais frequentemente demonstraram uma maior perceção de emaranhamento. As redes dos estudantes apresentaram um tamanho médio de oito elementos; eram constituídas por familiares e amigos; com elevada coesão e elevada perceção de reciprocidade e de suporte. O ingresso no Ensino Superior não gerou modificações no tamanho da rede dos estudantes. Verificou-se uma associação entre o tamanho da rede, a coesão e a flexibilidade na família. O estudo contribuiu para a compreensão do papel da família e da rede social na etapa de desenvolvimento individual, familiar e social dos estudantes, sublinhando os desafios normativos. Ainda contribuiu para a reflexão sobre possíveis práticas de intervenção que possam revelar-se necessárias nesta fase.

Palavras-chave: funcionamento familiar; rede social; estudantes do ensino superior.

1 ISMT - Instituto Superior Miguel Torga (*Miguel Torga Institute of Higher Education*), Coimbra, Portugal. Email: mariana-couceiro@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1654-833X>

2 ISMT - Instituto Superior Miguel Torga (*Miguel Torga Institute of Higher Education*), Coimbra, Portugal. CEPES - Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade (*Center for Population, Economics and Society Studies*), Porto, Portugal. Email: joanasequeira@ismt.pt ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5635-2385>

3 ISMT - Instituto Superior Miguel Torga (*Miguel Torga Institute of Higher Education*), Coimbra, Portugal. CEISUC - Centro de Estudos e Investigação em Saúde da Universidade de Coimbra (*Centre for Health Studies and Research of the University of Coimbra*), Portugal. Email: soniaguadalupe@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4898-3942>

Perception of family functioning and personal social networks of university students

Abstract

This study aimed to analyze the perception that university students have of the functioning of their families, to characterize their personal social network and to study the relations between these variables. The sample consisted of 247 university students, aged between 17 and 55, who completed the Flexibility and Family Cohesion Assessment Scale version IV and the *Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal*. Regarding the results obtained, the students perceived their families as balanced. However, they were dissatisfied with their families. The participants who are with the family more often perceive their families as more enmeshed. The student's social networks had an average of eight elements and are mainly composed by family and friends. The social networks were cohesive, with a high perception of reciprocity and support. The access to higher education did not generate changes in the size of the social network. There was also an association between network size and family cohesion and flexibility. This study contributes for the comprehension of the family role and social network in the individual, family and social development of students, highlighting the normative challenges. It also contributed to the reflection on possible intervention practices that may prove necessary at this stage.

Keywords: family functioning; social network; higher education students.

INTRODUÇÃO

Vários processos interagem reciprocamente entre o jovem, a família e a rede social, contribuindo significativamente para o ajustamento do indivíduo face a uma multiplicidade de desafios. A família e, particularmente, o modo como a mesma atua e se flexibiliza face ao processo de adaptação do jovem adulto ao Ensino Universitário, assume um papel elementar (Seco et al., 2007). É nesta quinta etapa de desenvolvimento familiar (*família com filhos adultos*), em que pode ocorrer a saída dos filhos de casa para o Ensino Superior, que a família experiencia stress, independentemente de se tratar de uma crise normativa positiva e esperada (Relvas, 1996). Assinala-se um período de enorme movimentação familiar, dado que novos sistemas relacionais se inserem no contexto de vida do jovem universitário (e.g. novas relações de amizade, amorosas, sociais, etc.) (Alarcão, 2002; Relvas, 1996).

Percecionando-se a família como o contexto de vida tido como o mais significativo para o ser humano, são diversos os investigadores que têm vindo a sublinhar a sua influência no desenvolvimento psicossocial e nos comportamentos adapta-

tivos do indivíduo (Bradley & Corwyn, 2000; Lee et al., 2007). Distinguem-se as características familiares que se constituem como facilitadoras ou como entraves nos processos de desenvolvimento psicossocial do jovem adulto, nomeadamente no seu processo de transição/adaptação ao Ensino Superior. Como fatores protetores sublinham-se o papel exercido pelos laços afetivos, suporte parental e facilitação do processo de separação-individação no desenvolvimento e integração do indivíduo (Silva & Ferreira, 2009). Os jovens que vivem em contextos familiares pautados pelo equilíbrio entre níveis de coesão e de adaptabilidade e um elevado suporte emocional aparentam ser bem-sucedidos quando confrontados com novos desafios (Eigen et al., 1987; Oliva et al., 2008). No entanto, famílias que se caracterizam por um conflito elevado, ausência de suporte e uma vinculação disfuncional podem apresentar dificuldades no desenvolvimento psicossocial do jovem adulto (Silva & Ferreira, 2009).

A investigação desenvolvida por Anjos (2017), com estudantes de Ensino Superior, no qual foram utilizadas a *Escala de Avaliação da Flexibilidade e da Coesão Familiar* – versão IV e a *Escala de Satisfação com o Suporte Social*, demonstrou uma perceção dos jovens sobre as suas famílias como equilibradas. Neste trabalho concluiu-se que a perceção do funcionamento familiar e a satisfação com o suporte social se relacionaram de forma positiva, nas suas variadas dimensões, contribuindo para a adaptação do jovem ao Ensino Superior.

Para além do contributo do papel da família no desenvolvimento e ajustamento dos jovens adultos ao contexto universitário, a literatura tem evidenciado o papel das redes sociais e a função protetora que as mesmas assumem (Alves, 2007; Dinis, 2013). “Rede social pessoal” ou “rede social significativa” corresponde a “todas as relações que um dado sujeito entende como significativas para si, que se diferenciam da massa anónima da sociedade” (Sluzki, 1996, p.17). Compreendem não apenas as relações com a família nuclear ou extensa, como também os vínculos interpessoais alargados, tais como as relações de amizade, de estudo, de trabalho, de vizinhança, bem como as relações interinstitucionais (Sluzki, 1996).

A transição da juventude para a idade adulta implica transformações marcantes na estrutura e funcionalidade da rede, sendo necessária a adoção de novos papéis e tarefas familiares, profissionais e sociais (Meléndez-Moral et al., 2007). Num período marcado pelo afastamento familiar e das relações interpessoais estabelecidas na infância e adolescência, os jovens estudantes adultos procuram o suporte de pessoas que possam ajudá-los neste período de novas experiências, destacando-se, nesta etapa, os colegas de curso, que vivenciam desafios semelhantes (Teixeira et al., 2008). Nesta fase do ciclo de vida emergem ainda as relações profissionais que também se assumem como fonte de suporte (Meléndez-Moral et al., 2007).

Investigações realizadas sobre a rede social com jovens adultos e, em especial, acerca da sua transição para o Ensino Superior concluem que nesta fase se verifica uma ampliação das redes sociais, bem como um aumento da sua perceção de suporte social (Ferreira, 2012; Pinheiro, 2003; Sluzki, 1996). As relações familiares, de amizade e de estudo assumem um papel fundamental, num melhor ajustamento do jovem ao contexto universitário e aos desafios que o mesmo implica (Pinheiro, 2003; Teixeira et al., 2008).

Ainda que a literatura aponte para a importância da família (Seco et al., 2007) e para o papel das redes sociais no processo de transição e de adaptação do jovem adulto ao Ensino Superior (Alves, 2007; Dinis, 2013), a investigação que associa a rede social ao funcionamento familiar é ainda escassa. Porém, destaca-se o estudo de Branco et al. (2008), no Brasil, no qual se analisaram as características da rede social de cinco adolescentes, bem como a perceção destes sobre o funcionamento das suas famílias. Dos cinco jovens, três preencheram os quadrantes família e amigos, enfatizando-se a relevância da família, que ocupou de 14% a 50% dos mapas da rede social. Nenhum deles identificou, no mapa de rede, o quadrante da escola. Relativamente ao funcionamento familiar, os resultados obtidos foram baixos, sendo que os adolescentes demonstraram dificuldade em partilharem com a sua família as suas fragilidades, assim como lhe solicitarem suporte. Seibel et al., em 2017, também se interessaram pela análise da rede de apoio social e o funcionamento familiar, ainda que num contexto específico de famílias em vulnerabilidade social. Nesta investigação, os resultados sublinharam o papel protetivo da rede de suporte sobre o funcionamento familiar.

Pretende-se, assim, neste trabalho, analisar a perceção que os estudantes universitários têm do funcionamento das suas famílias (no que concerne à coesão, adaptabilidade, comunicação e satisfação familiares), caracterizar as suas redes sociais pessoais (aos níveis estrutural, funcional e relacional-contextual) e analisar a associação entre as duas variáveis.

MÉTODO

Participantes

Participaram 247 estudantes do Ensino Superior a frequentarem cursos no Instituto Superior Miguel Torga (ISMT) em Coimbra, Portugal, no ano letivo 2017-2018.

Foram definidos como critérios de inclusão o frequentar um curso universitário no Ensino Superior, em Portugal Continental, e darem o seu consentimento informado.

Foram estabelecidos como critérios de exclusão sujeitos que recusassem a participação no momento da avaliação ($n = 1$), bem como indivíduos que não preenchessem a totalidade dos itens presentes nas escalas administradas ($n = 7$). Portanto, ainda que tenham sido recolhidos dados de 255 indivíduos, após a análise destes critérios, a amostra final ficou composta por 247 sujeitos.

Dos 247 participantes, 71 (28.7%) eram do sexo masculino e 176 do sexo feminino, 183 (74.1%) tinham entre 17 e 22 anos, 231 (93.2%) eram solteiros e 16 (6.5%) casados ou viviam numa união de facto. Encontravam-se a frequentar os seguintes cursos superiores: Multimédia - 23 alunos (9.3%), Gestão de Recursos Humanos - 14 alunos (5.6%), Gestão - 51 alunos (20.6%), Comunicação Empresarial - 24 alunos (9.7%), Jornalismo - 15 alunos (6.1%), Serviço Social - 9 alunos (3.6%) e Psicologia - 111 alunos (44.9%). Quanto ao ano curricular frequentado, 108 estudantes encontram-se no 1º ano curricular (43.7%), 68 no 2º ano (27.5%), 42 no 3º ano (17%), 17 no 4º ano (6.9%) e 12 no 5º ano curricular (4.9%).

No que respeita à situação residencial dos inquiridos, constatou-se que 120 (48.6%) estudantes residiam com a sua família de origem, 52 (21.05%) partilhavam a habitação com outros estudantes, 23 (9.3%) viviam sozinhos, 21 (8.5%) com outros familiares ou amigos da família, 20 (8.1%) com amigos e 11 (4.5%) com a sua família nuclear. Dos 247 estudantes, 122 (50.6%) estavam deslocados da sua residência de origem, sendo que, destes, 81 (66.4%) deslocavam-se semanalmente à habitação da sua família de origem. Em termos de distância, a percentagem maior dos participantes (36.03%) encontrava-se a mais de 50 km da residência de família.

Os participantes foram selecionados com base no critério de acessibilidade, constituindo uma amostra não-probabilística.

Procedimentos

O estudo foi submetido e aprovado pela Comissão de Ética do ISMT. Posteriormente foi solicitada à coordenação de cada curso a sua colaboração a fim de facilitar a comunicação com um(a) docente de cada curso com a possibilidade de o(a) mesmo(a) disponibilizar um momento de aula para a administração do protocolo.

Estabelecido o contacto com cada docente, a equipa de investigação reuniu-se com os estudantes de cada curso, de um ano curricular aleatório, e informou sobre a natureza do estudo e os objetivos a ele subjacentes aos estudantes, clarificou as instruções de cada instrumento a aplicar (ambos validados para a população portuguesa) e solicitou a sua participação através de um consentimento informado, tendo sido assegurada a utilização dos dados apenas para esta investigação.

No sentido de salvaguardar os cuidados éticos subjacentes a um estudo científico, os investigadores garantiram o carácter voluntário, anónimo e a possibilidade

de desistência do estudo, a qualquer momento, no documento de consentimento informado.

Instrumentos

O protocolo de investigação integrou: 1) questionário sociodemográfico e de dados complementares; 2) *Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV* (FACES IV) (adaptação portuguesa de Sequeira et al., 2021); e 3) Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal (IARSP) (Guadalupe, 2016).

O questionário sociodemográfico e de dados complementares reúne informações sobre as variáveis sociodemográficas dos participantes, assim como sobre os seus contextos familiar, escolar e a sua situação residencial.

A *Escala de Avaliação da Adaptabilidade e da Coesão Familiar versão IV* (FACES IV), apresenta como objetivo central a avaliação da perceção do funcionamento familiar em duas dimensões: a coesão e a adaptabilidade. A escala é constituída por 62 itens, sendo estes organizados em oito subescalas: duas subescalas equilibradas (coesão e adaptabilidade), duas subescalas desequilibradas (emaranhada e desmembrada no que se refere à coesão, e caótica e rígida no que respeita à adaptabilidade) e duas outras subescalas que permitem avaliar a comunicação e a satisfação familiares (Olson, 2011). Sucintamente, pontuações elevadas nas subescalas equilibradas traduzem um funcionamento familiar saudável. Porém, pontuações elevadas nas subescalas desequilibradas associam-se a um funcionamento familiar problemático (Sequeira et al., 2021). Os valores do alfa de Cronbach obtidos nesta investigação foram: coesão equilibrada – .77; flexibilidade equilibrada – .71; desmembrada – .75; emaranhada – .41; rígida – .61; caótica – .74; comunicação – .92; satisfação – .94; e total – .84. Estes apresentaram-se semelhantes aos alcançados na validação da escala para a população portuguesa (Silva, 2015), bem como nos estudos de Cerveira (2015) e de Anjos (2017).

O Instrumento de Análise da Rede Social Pessoal (IARSP) foi utilizado para a caracterização das redes sociais a nível estrutural (e.g. tamanho, composição, densidade), funcional (e.g. tipos de apoio social, reciprocidade) e relacional-contextual (e.g. frequência de contactos, dispersão geográfica).

O IARSP foi adaptado para o estudo após o consentimento da autora. O gerador de rede (questão inicial) utilizado foi o seguinte: “refira o nome das pessoas com que se relaciona, são significativas na sua vida e o/a apoiam”. Seguidamente, foi apresentada uma questão sobre o vínculo relacional estabelecido entre o sujeito central e cada uma das pessoas enunciadas como membro da sua rede, tendo sido limitados os campos relacionais a cinco: 1) relações familiares, 2) de amizade, 3) de vizinhança, 4) de estudo e 5) relações de trabalho, dado que somente se pretendia a

caracterização da rede de suporte informal dos estudantes, assim como uma questão acerca da idade de cada elemento da rede por grupo etário (<18; 18-25; 26-64; ≥65). Na dimensão estrutural caracterizou-se o tamanho da rede, a composição e a densidade. Na dimensão funcional avaliou-se o nível de suporte emocional, material e instrumental, informativo e acesso a novos contactos, bem como a reciprocidade de apoio. Quanto à dimensão relacional-contextual, avaliou-se a frequência de contactos, a dispersão geográfica e a durabilidade da relação (Guadalupe, 2016). Introduziram-se ainda duas questões complementares: uma sobre a mudança no tamanho da rede desde o ingresso dos estudantes para o Ensino Superior e outra sobre a ocorrência de cortes relacionais.

Análise Estatística

Para o tratamento e análise estatística dos dados recorreu-se ao software *Statistical Package for Social Sciences* (IBM SPSS Statistics, versão 25.0 para *Macintosh*, SPSS, 2017). Procedeu-se à análise exploratória dos dados através de medidas descritivas para as variáveis quantitativas. Para a análise da normalidade das variáveis em estudo recorreu-se ao teste de *Shapiro-Wilk*, concluindo-se pela não normalidade das variáveis. Optou-se, assim, pela utilização da estatística não-paramétrica, de acordo com Pallant (2011). Foi realizada uma análise multivariada de aglomeração que incluiu variáveis contínuas e discretas das dimensões estrutural, funcional e relacional-contextual das redes, através do método de agrupamento não hierárquico *K-means*. Após as análises preliminares para determinação do número de clusters que permitisse uma maior diferenciação com interpretação pertinente e coerente, foram definidos dois *clusters*. O estudo da correlação foi efetuado pelo coeficiente de Spearman (variáveis com distribuição não normal). Na avaliação da magnitude das correlações, optaram-se pelos critérios de Pallant (2011): Baixa ($r = .10$ a $.29$); Moderada ($r = .30$ a $.49$); Elevada ($r = .50$ a 1).

RESULTADOS

Perceção do funcionamento familiar

Os resultados obtidos nas subescalas equilibradas da FACES-IV (Tabela 1), permitiram aferir que, no que concerne à subescala da coesão, a maioria dos participantes (52.6%) apresentaram uma perceção da sua família como muito coesa ($M = 61.8$). No

que respeita à subescala da Flexibilidade, dos 247 estudantes, 130 (66.4%) percecionaram a sua família como muito flexível e 164 (31.6%) como flexível ($M = 68.3$).

Tabela 1

Resultados das Subescalas Equilibradas da FACES-IV

Subescalas	Nível	<i>n</i> (% válida)	<i>M</i>	<i>DP</i>	Intervalo (percentil)
Coesão Equilibrada	Algo coesa [10-30]	36 (14.6%)			
	Coesa [35-60]	81 (32.8%)	61.8	23.28	10 – 99
	Muito coesa [65-99]	130 (52.6%)			
	Total	247 (100%)			
Flexibilidade Equilibrada	Algo flexível [10-20]	5 (2%)			
	Flexível [25-60]	78 (31.6%)	68.3	19.34	10 – 99
	Muito flexível [65-99]	164 (66.4%)			
	Total	247 (100%)			

Notas. *n* – número de sujeitos; % – percentagem de participantes; *M* – Média; *DP* – Desvio Padrão

Relativamente às subescalas desequilibradas (Tabela 2), verificou-se que as pontuações obtidas oscilaram entre os níveis muito baixo ou baixo, traduzindo-se numa perceção do funcionamento familiar como saudável. Atendendo a cada subescala em particular, pode observar-se que, dos 247 participantes, 176 percecionaram níveis muito baixos de desmembramento (71.3%; $M = 24.21$), 150 percecionaram níveis baixos de emaranhamento (60.7%, $M = 37.25$), 128 percecionaram baixos níveis de rigidez na sua família (51.8%, $M = 37.36$) e 177 percecionaram níveis muito baixos de funcionamento caótico (71.7%, $M = 23.74$).

Tabela 2

Resultados das Subescalas Desequilibradas da FACES-IV

Subescalas	Nível	<i>n</i> (% válida)	<i>M</i>	<i>DP</i>	Intervalo (percentil)
Desmembrada	Muito baixo [10-26]	176 (71.3%)			
	Baixo [30-40]	52 (21.1%)			
	Moderado [45-60]	15 (6.1%)	24.2	11.84	10-80
	Alto [64-75]	3 (1.2%)			
	Muito alto [80-99]	1 (0.4%)			
	Total	247 (100%)			
Emaranhada	Muito baixo [10-26]	35 (14.2%)			
	Baixo [30-40]	150 (60.7%)			
	Moderado [45-60]	54 (21.9%)	37.3	10.69	16-75
	Alto [64-75]	8 (3.2%)			

Tabela 2 (continuação)*Resultados das Subescalas Desequilibradas da FACES-IV*

Subescalas	Nível	n (% válida)	M	DP	Intervalo (percentil)
Rígida	Muito alto [80-99]	0 (0%)			
	Total	247 (100%)	37.3		
	Muito baixo [10-26]	53 (21.5%)			
	Baixo [30-40]	128 (51.8%)			
	Moderado [45-60]	50 (20.2%)	37.4	13.04	14-80
	Alto [64-75]	15 (6.1%)			
Caótica	Muito alto [80-99]	1 (0.4%)			
	Total	247 (100%)			
	Muito baixo [10-26]	177 (71.7%)	37.4		
	Baixo [30-40]	57 (23.1%)			
	Moderado [45-60]	9 (3.6%)	23.7	11.20	10-90
	Alto [64-75]	3 (1.2%)			
	Muito alto [80-99]	1 (0.4%)			
	Total	247 (100%)			

Notas. n – número de sujeitos; % – percentagem de participantes; M – Média; DP – Desvio Padrão.

No que respeita às subescalas da comunicação e da satisfação familiares da FACES-IV (Tabela 3), salienta-se que, dos 247 participantes, 183 consideraram a comunicação como sendo moderada nas suas famílias (74.1%, $M = 38.39$); e 165 revelaram-se pouco satisfeitos com as mesmas (66.8%, $M = 28.08$). De destacar que tanto na subescala da comunicação como da satisfação não existiram cotações nos níveis “alta” e “muito alta”.

Tabela 3*Comunicação e Satisfação Familiar*

Subescalas	Nível	n (% válida)	M	DP	Intervalo (percentil)
Comunicação	Muito baixa [10-20]	4 (1.6%)			
	Baixa [21-35]	60 (24.3%)			
	Moderada [36-60]	183 (74.1%)	38.39	6.77	14 – 50
	Alta [61-85]	0 (0%)			
	Muito Alta [86-99]	0 (0%)			
	Total	247 (100%)			
Satisfação	Muito baixa [10-20]	41 (16.6%)			
	Baixa [21-35]	165 (66,8%)			
	Moderada [36-60]	41 (16.6%)	28.08	6.94	10 – 40
	Alta [61-85]	0 (0%)			

Tabela 3 (continuação)*Comunicação e Satisfação Familiar*

Subescalas	Nível	<i>n</i> (% válida)	<i>M</i>	<i>DP</i>	Intervalo (percentil)
	Muito Alta [86-99]	0 (0%)			
	Total	247 (100%)			

Notas. *n* – número de sujeitos; % – percentagem de participantes; *M* – Média; *DP* – Desvio Padrão.

Analisámos ainda a relação entre a perceção dos estudantes acerca do funcionamento das suas famílias relativamente à sua situação residencial. Neste sentido, evidenciamos apenas a subescala *Emaranhada* por ter variado de forma estatisticamente significativa ($p < .05$) em função da frequência com que os estudantes indicaram deslocar-se à sua residência de origem.

*Rede Social Pessoal***Características estruturais das redes sociais**

No que concerne às redes sociais dos estudantes, estas apresentaram, em média, oito elementos ($M = 8.43$; $DP = 4.55$), numa variação entre os dois e os 27 membros. A maioria dos estudantes referiu que o tamanho da rede não se modificou (39.7%) com o ingresso no Ensino Superior. No entanto, 30.4% ($n = 75$) percecionaram a entrada para a universidade como um momento de expansão da rede.

Em termos globais, as relações familiares assumiram maior proporção das relações nas redes (61.6%), seguindo-se as relações com os pares ($M = 36.7\%$; $DP = 23.99$). As relações de vizinhança, de estudo e de trabalho assumiram um carácter residual nas redes sociais dos jovens.

A densidade média das redes dos participantes foi muito elevada, sendo indicativa de redes muito coesas ($M = 87.8$; $DP = 20.69$) (Tabela 4).

Tabela 4*Características estruturais das redes sociais pessoais (N = 247)*

	<i>M</i>	<i>Mo</i>	<i>DP</i>	<i>Min</i>	<i>Máx</i>
Tamanho da rede	8.43	7	4.55	2	27
Densidade	87.8	100	20.69	7.69	100
Campos relacionais	1.91	2	0.49	1	4
Distribuição da rede					
Proporção das relações familiares	61.6	100	24.31	0	100
Proporção das relações de amizade	36.7	0	23.99	0	87.5

Tabela 4 (continuação)*Características estruturais das redes sociais pessoais (N = 247)*

	<i>M</i>	<i>Mo</i>	<i>DP</i>	<i>Min</i>	<i>Máx</i>
Proporção das relações de vizinhança	0.32	0	2.26	0	22.2
Proporção das relações de estudo	0.96	0	5.21	0	53.85
Proporção das relações de trabalho	0.44	0	3.59	0	50
Percepção da mudança do tamanho da rede	<i>n</i>			%	
Muito maior do que antes	21			8.5	
Maior do que antes	75			30.4	
Aproximadamente o mesmo	98			39.7	
Menor do que antes	26			10.5	
Muito menor do que antes	26			10.5	
N/R	1			0.4	

Notas. *N* – amostra total; *n* – número de sujeitos; % – percentagem de sujeitos. *M* – Média; *Mo* – Moda; *DP* – Desvio Padrão; *Min* – Mínimo; *Máx* – Máximo.

Na dimensão estrutural caracterizou-se o tamanho da rede, a composição e a densidade através da pergunta “todas as pessoas da sua rede se reconheceriam mutuamente caso se encontrassem na rua?” (podendo variar entre 0 e 100, categorizando como redes dispersas aquelas que apresentam valores inferiores a 33.33%, as fragmentadas entre 33.33 e 79.99% e as coesas de 80% a 100%).

Características funcionais e relacionais-contextuais das redes sociais pessoais

Quanto às características funcionais e relacionais-contextuais das redes sociais dos estudantes (Tabela 5), os níveis médios de suporte percebidos foram elevados, sendo os valores modais os máximos para todas as variáveis. Os resultados indicaram que os estudantes valorizam de forma mais elevada o suporte emocional, sendo que os mais baixos recaem sob o apoio tangível e o acesso a novos contactos. No que concerne à reciprocidade de apoio, os jovens perceberam-na como elevada, dado que 90.7% dos jovens declarou dar apoio à maior parte das pessoas da sua rede.

Quanto à durabilidade das relações, constatou-se que o valor médio é de 14 anos, traduzindo-se numa estabilidade dos vínculos na rede ao longo do tempo. Relativamente à frequência de contactos entre o sujeito central e os membros da sua rede, em termos médios, esta situa-se no intervalo entre os contactos semanais e plurisemanais ($M = 3.9$), sendo a moda os contactos diários. Quanto à dispersão geográfica média verifica-se que os elementos da rede habitavam na mesma localidade ou na mesma rua/bairro ($M = 3.17$), apontando a moda para a residência na mesma localidade.

Tabela 5*Características funcionais e relacionais-contextuais das redes sociais pessoais (N = 247)*

	<i>M</i>	<i>Mo</i>	<i>DP</i>	<i>Min</i>	<i>Máx</i>
Características funcionais					
Apoio emocional	4.3	5	0.67	1	5
Apoio tangível (material e instrumental)	3.8	5	0.97	1	5
Apoio informativo	4.2	5	0.74	1	5
Acesso a novos contactos	4.1	5	0.83	1	5
Reciprocidade de apoio	3.9	4	0.89	1	4
Características relacionais-contextuais					
Durabilidade média das relações com membros da rede (em anos)	14.1	18	4.66	0	39.27
Frequência de contactos	3.9	5	0.85	1	5
Dispersão geográfica	3.2	3	0.93	1	5

Notas. *N* – amostra total; *n* – frequência; *M* – Média; *DP* – Desvio Padrão; *Mo* – Moda; *Min* – Mínimo; *Máx* – Máximo.

O nível de suporte percebido (emocional, material e instrumental e informativo) e o acesso a novos contactos foi avaliado através de uma escala de *Likert* de 5 pontos (1. “Nenhum”; 2. “Pouco”; 3. “Moderado”; 4. “Muito”; 5. “Muitíssimo”). A reciprocidade de apoio foi avaliada em 4 níveis (1. “Não dá apoio a nenhuma destas pessoas”; 2. “Dá apoio a poucas destas pessoas”; 3. “Dá apoio a algumas destas pessoas” e 4. “Dá apoio à maior parte destas pessoas”). A frequência de contactos poderia ser cotada de 1 a 5 (1. “Diariamente”; 2. “Algumas vezes por semana”; 3. “Semanalmente”; 4. “Algumas vezes por mês”; 5. “Algumas vezes por ano”); a dispersão geográfica através de uma escala de 5 pontos (1. “Na mesma casa”; 2. “No mesmo bairro/rua”; 3. “Na mesma localidade”; 4. “Até 50 Km”; 5. “A mais de 50 Km”); e a durabilidade da relação com indicação do tempo que conhecia ou mantinha um relacionamento com cada membro, em anos. Introduziram-se algumas questões complementares sobre a mudança no tamanho da rede desde o ingresso dos estudantes para o Ensino Superior (1. “É muito maior do que antes”; 2. “É maior do que antes”; 3. “É aproximadamente o mesmo”; 4. “É menor do que antes”; 5. “É muito menor do que antes”) e uma outra sobre cortes relacionais (se existiram ou não; com quem cortaram relações; por que motivo).

Análise das características das redes sociais pessoais por *clusters*

A fim da aglomeração dos dados numa tipologia de rede social pessoal, sublinha-se que a denominação do tipo de rede teve por base a distribuição/proporção ocupada por cada um dos domínios relacionais na rede, sendo esta característica notoriamente diferenciadora dos dois *clusters* agregados.

O primeiro cluster foi designado de rede amical-familiar, visto que se apresentou distintamente representado por relações de amizade (54.3%) e relações familiares (44.2%), sendo residuais os restantes tipos de relações. Quanto à sua densidade, este *cluster* possuiu uma percentagem de 83.8%, evidenciando que a maior parte dos membros da rede se encontravam interconectados entre si. Destacaram-se níveis elevados de apoio emocional, informativo e de acesso a novos contactos. Constatou-se que os elementos da rede residiam tendencialmente na mesma localidade, sendo o contacto entre eles semanal.

O segundo *cluster* foi apelidado de rede familiar, tendo em conta o destaque dos laços de parentesco (84.8%) nas redes dos participantes. As relações apresentaram-se como coesas relativamente à densidade. Sublinharam-se níveis elevados nos diferentes tipos de suporte, assim como na reciprocidade do mesmo. Os membros da rede aparentaram residir na mesma localidade, verificando-se um contacto regular entre eles.

A análise evidenciou diferenças estatisticamente significativas ($p < .05$) em relação às dimensões estrutural (tamanho da rede, densidade e campos relacionais) e relacional-contextual (frequência de contactos, dispersão e durabilidade relacional) entre as duas tipologias de redes encontradas (Tabela 6).

Tabela 6

Características das redes sociais pessoais segundo os centróides de cada tipologia (N = 247)

	1. Rede Amical-Familiar	2. Rede Familiar	
	$n = 141$	$n = 106$	
	57.,1%	42., 9%	
	C_i	C_i	$U(r)$
Características Estruturais			
Tamanho da rede	9.8	6.,5.	3974.00** (.40)
Densidade	83.9	93.2	5680.00** (.24)
Campos relacionais	2.1	1.6	4344.00** (.48)
Características Funcionais			
Apoio emocional	4.2	4.3	6690.00 ^{NS}
Apoio material e instrumental	3.8	3.9	6817.50 ^{NS}
Apoio informativo	4.2	4.2	7294.00 ^{NS}
Acesso a novos contactos	4.1	3.9	7152.00 ^{NS}
Reciprocidade de apoio	3.8	3.9	7456.00 ^{NS}
Características Relacionais-Contextuais			
Frequência de contactos	3.9	4.1	6068.50** (.16)
Dispersão geográfica	3.02	3.4	5753.50** (.20)
Durabilidade relacional	12.5	16.3	3174.00** (.49)

Notas. N – amostra total; n = frequência; % = percentagem dos participantes; C_i = Centróide do cluster; U – U de Mann-Whitney; r = valor de z/raiz quadrada de N. * $p < .05$; ** $p < .01$; NS Não significativo.

Foi também realizado um estudo correlacional entre características das redes sociais pessoais com as subescalas da FACES-IV. Ainda que tenham sido encontradas algumas correlações (moderadas) entre as variáveis ($r = .30$ a $.49$), a maior parte das correlações encontradas revelaram-se baixas ($r = .10$ a $.29$) (Pallant, 2011). Neste sentido, destacamos a existência de uma correlação diretamente proporcional entre

o tamanho da rede dos estudantes e a coesão ($\rho = .199$; $p < .01$) e a flexibilidade na família ($\rho = .163$; $p < .05$).

DISCUSSÃO

Os resultados deste estudo permitiram conhecer algumas das características do funcionamento familiar e das redes sociais pessoais dos estudantes universitários, verificando-se a importância da família e o papel das redes sociais no seu desenvolvimento e integração nesta etapa de vida e ensino.

Os estudantes perceberam as suas famílias como equilibradas, tendo em conta os resultados elevados obtidos nas subescalas e os resultados muito baixos e baixos obtidos nas subescalas desequilibradas. De acordo com a perspetiva dos estudantes, as suas famílias podem enquadrar-se no *Cluster 1: Famílias Equilibradas (Balanced)* (Olson & Gorall, 2006). Esta combinação de resultados traduz uma tipologia familiar com elevados níveis de funcionalidade e baixos níveis de disfuncionalidade. Este tipo de famílias ajusta-se aos desafios, promovendo a mudança ao longo do seu ciclo vital, sendo baixa a probabilidade de requerer uma intervenção terapêutica (Olson & Gorall, 2006).

No entanto, os jovens apresentaram uma baixa perceção de satisfação com as suas famílias, resultado também alcançado por Anjos (2017) num estudo com uma população de estudantes universitários. Este dado aparenta contrariar a perceção de funcionalidade verificada através das subescalas da coesão e flexibilidade familiares. Coloca-se a hipótese que a etapa do ciclo vital onde se encontram a maioria das famílias dos participantes – *família com filhos adultos* – possa explicar em parte este resultado, dado o conjunto de desafios e complexidades que o jovem e a família têm de gerir face ao contexto universitário (e.g. rotina, custos económicos, alteração de tarefas e de regras, tipo de comunicação, etc.). Este resultado pode ainda refletir tensões e dificuldades na gestão de mudanças no funcionamento da família, implicando alguma conflitualidade e negociação. O processo de autonomização e de diferenciação face à família, expectável nesta fase desenvolvimental (Alarcão, 2002; Relvas, 1996), bem como as modificações nas redes sociais dos jovens (Meléndez-Moral et al., 2007; Sluzki, 1996), podem desencadear um olhar mais crítico face à família.

Os estudantes que mais regularmente indicaram que se deslocavam à residência da família apresentaram uma maior perceção de emaranhamento. Compreendendo-se por famílias emaranhadas aquelas que desenvolvem e sustentam um exagerado nível de intercâmbios e de preocupações entre os diferentes elementos, minimizando as distâncias interpessoais e misturando os limites entre gerações e subsistemas

(Alarcão, 2002), este resultado poderá ajudar também a explicar os níveis mais baixos de satisfação na família. Também neste sentido aponta o estudo de Fiorini (2017) com uma população de jovens universitários, que concluiu que níveis mais baixos de diferenciação face à família influenciam negativamente a perceção do seu funcionamento.

A perceção de funcionalidade (coesão e flexibilidade) não implica necessariamente satisfação com a família. A pontuar a satisfação podem constar os fatores desenvolvimentais citados, como também indicadores contextuais (económicos, culturais e sociais), a crescente autonomia que o jovem conquista no seu percurso académico e, ainda, acontecimentos de vida específicos (situações de desemprego, diminuição do rendimento familiar) que expliquem este resultado, isto é, que façam com que a satisfação com a família seja baixa, mas esta seja percecionada como funcionando de forma coesa e flexível face aos desafios que lhe são colocados. Adicionalmente, a intensificação das relações de amizade, que se verifica nesta etapa de vida dos jovens, assume um papel relevante na organização do dia a dia quer em termos emocionais, quer sociais e práticos. Estas relações, por serem entre pares e pontuadas por fatores como afinidades e interesses pessoais, promovem uma perceção de satisfação com os pares que poderá ter também algum impacto na perceção de satisfação com a família.

A análise das redes sociais dos estudantes permitiu verificar que apresentam um tamanho de oito membros, em média. Apesar da escassez de estudos com jovens adultos e, em particular, com estudantes universitários, tendo em conta o mapa de rede evolutivo proposto por Sluzki (1996), a dimensão obtida considera-se pequena, com a mesma dimensão média de uma rede de sujeitos de idade avançada (Guadalupe et al., 2020; Meléndez-Moral et al., 2007; Sluzki, 1996), teoricamente numa fase de retração da rede, movimento oposto ao de expansão esperado entre jovens universitários. Deste modo, coloca-se por hipótese que os inquiridos possam ter sido muito seletivos nos elementos que identificaram na sua rede, expondo apenas as relações de maior proximidade e significado, podendo o gerador de rede usado na investigação contribuído para tal. Revelam-se necessários estudos qualitativos adicionais para melhor compreender o valor de relação significativa e a trajetória relacional dos participantes. A durabilidade da rede apresenta um valor médio de 14 anos, indicando a estabilidade dos vínculos temporalmente, podendo explicar o investimento relacional em vínculos com intimidade e confiança. Os resultados podem, assim, refletir uma tendência de afunilamento nas relações mais significativas que Bauman (2000) considera ser uma característica particular da sociedade moderna.

A composição das redes sociais dos estudantes, bem como a proporção ocupada por cada um dos domínios relacionais nas redes, permitiu-nos verificar que as

redes dos participantes são sobretudo compostas por familiares e amigos. Neste sentido, destaca-se a homogeneidade relacional verificada nas redes. Este dado é corroborado pelo trabalho de Pinheiro (2003), no qual se destaca o papel de suporte assumido pela família e pelo grupo de pares, tendo em conta a etapa de desenvolvimento e o contexto universitário. Também o estudo de Teixeira et al. (2008) conclui que os jovens estudantes procuram o auxílio de elementos que possam estar a experienciar desafios semelhantes, tais como os colegas de curso, para além da manutenção da relevância da família na rede social (Dolan et al., 2008). As redes sociais dos estudantes indicaram pontuações elevadas no que respeita à coesão, perceção de reciprocidade e suporte. Relativamente à elevada coesão encontrada nas redes, pode afirmar-se que este resultado vai ao encontro dos níveis de coesão encontrados com a FACES-IV, fazendo sentido pela valorização dos laços de parentesco nas redes sociais dos participantes.

Quanto aos níveis médios de apoio dos estudantes, estes verificaram-se elevadíssimos nos distintos tipos de apoio estudados. Porém, note-se que foi o apoio emocional que assumiu um maior destaque, o que é associado, em geral, a relações de intimidade, tais como as relações familiares e de amizade (Barrón, 1996; Sluzki, 1996). Já a elevada perceção de reciprocidade, tendo os estudantes assumido que concedem apoio à maior parte dos membros da sua rede (90.7%), vai ao encontro do concluído por Ferreira (2012) num estudo com estudantes universitários. Estes resultados parecem estar relacionados com a composição da rede dos participantes, visto que a família e os amigos próximos tendem a relacionar-se entre si.

A análise por *clusters* evidenciou, também, o destaque das relações familiares e de amizade nas redes dos estudantes, sendo que este resultado vai ao encontro de estudos precedentes relativos aos vínculos dominantes nesta etapa de vida (Dolan et al., 2008; Pinheiro, 2003; Teixeira et al., 2008). Estas apresentaram-se ainda como redes coesas no que respeita à densidade, com elevados níveis nos distintos tipos de suporte, assim como na reciprocidade de apoio. De notar que a incidência nas relações de parentesco e de amizade associada à densidade, com enorme interligação entre os elementos, conduzem a relações próximas e afetivamente fortes. Redes com esta configuração apresentam benefícios pela reciprocidade que proporcionam (como comprova o resultado elevado nesta dimensão de apoio), operando como um recurso importante na adaptação ao contexto académico (Dinis, 2013; Kumar et al., 2016; Smyth, 2016). Porém, este tipo de rede também pode acarretar dificuldades, sobretudo no diminuto estabelecimento de outros tipos de vínculo, bem como na heterogeneidade de suporte (Guadalupe, 2016; Sluzki, 1996).

A transição para a idade adulta é perspectivada teoricamente como uma fase de expansionismo relacional (Sluzki, 1996), no entanto, constatou-se que o ingresso no Ensino Superior não acarretou modificações no tamanho da rede dos participantes. Hipotetizou-se, assim, que para muitos estudantes poderá existir uma continuidade nas amizades entre os ensinos Secundário e Universitário. Também as características atuais do próprio Ensino Superior em Portugal, com a licenciatura limitada a três anos, poderão não permitir a consolidação temporal de relações de amizade ou de companheirismo entre estudantes. Para além do referido, o meio competitivo característico das sociedades contemporâneas poderá ter repercussões na diminuta criação de laços de confiança destes jovens adultos, com impacto na dimensão das suas redes sociais pessoais.

No estudo correlacional realizado verificou-se uma correlação diretamente proporcional entre o tamanho da rede e a perceção de coesão e flexibilidade na família. Assumindo-se a não linearidade desta associação, fica exposto que o número de membros da rede (com as suas características, que permitem aos inquiridos uma perceção de elevados e diferentes níveis de suporte) e o funcionamento familiar flexível e coeso se retroalimentam e geram possibilidades relacionais facilitadoras no confronto dos desafios colocados aos estudantes aquando da permanência no Ensino Superior.

A investigação apresenta algumas limitações. Desde logo, apenas o acesso à perspectiva de um dos elementos da família, sugerindo-se que em futuros estudos se incluam outros membros da família. O desenho transversal do estudo, bem como o método de amostragem não probabilístico constitui uma limitação, sobretudo pelo facto de a amostra ter sido recolhida exclusivamente numa instituição de ensino privado, podendo ter penalizado a heterogeneidade de situações. Relativamente às redes sociais, ainda que apresente contributos relevantes para a área, destacamos a escassez de estudos nacionais e internacionais nesta etapa de desenvolvimento dos indivíduos inquiridos e, particularmente, neste contexto particular de ensino, que nos auxiliassem a robustecer a discussão dos resultados. O instrumento usado pode ter levado os estudantes a fazer uma seleção dos elementos que identificaram para a sua rede, recomendando-se que seja heteroadministrado em situação de entrevista. Para além de estudos qualitativos adicionais, poderia ser interessante a análise de aspetos compreensivos do funcionamento familiar e rede social em distintas fases desenvolvimentais.

A investigação apresenta contributos para o progresso do conhecimento sobre as redes sociais do jovem adulto, numa fase em que se assinala uma diversidade de desafios individuais, familiares e sociais, que se acredita ser fundamental para a reflexão e prática psicológicas. Para melhor compreender e antecipar riscos eventuais associados a esta fase na vida dos jovens adultos estudantes, parece-nos

pertinente a análise das interações entre o funcionamento familiar e as características da rede social, bem como a perceção de suporte social disponível. Esta análise pode trazer uma compreensão quanto à relevância de espaços de construção e/ou de amplificação das redes sociais aquando do confronto da família e do jovem com os desafios que lhe forem emergindo.

REFERÊNCIAS

- Alarcão, M. (2002). (Des)equilíbrios familiares: *Uma visão sistémica* (2ª ed.). Quarteto Editora.
- Alves, S. N. (2007). *Filhos da madrugada: percursos em lares de infância e juventude* [Monografia]. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade Técnica de Lisboa.
- Anjos, V. (2017). *Perceção do funcionamento familiar e do suporte social em estudantes do ensino superior em Portugal Continental* (Tese de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra). <http://repositorio.ismt.pt/handle/123456789/731>
- Barrón, A. (1996). *Apoyo social: Aspectos teóricos y aplicaciones*. Siglo Veintiuno Editores.
- Bauman, Z. (2000). *The individualized society*. Polity.
- Bradley, R., & Corwyn, R. (2000). Moderating effect of perceived amount of family conflict on the relation between home environmental processes and the well-being of adolescents. *Journal of Family Psychology*, 14(3), 349-364. <https://doi.org/10.1037//0893-3200.14.3.349>
- Branco, B., Wagner, A., & Demarchi, K. (2008). Adolescentes infratores: Rede social e funcionamento familiar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(1), 125-132. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722008000100016>
- Cerveira, C. (2015). *Funcionamento das famílias: perceção de funcionamento familiar nas diferentes configurações familiares* (Tese de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra). <http://repositorio.ismt.pt/jspui/handle/123456789/486>
- Dinis, A. (2013). *Adaptação académica, apoio social e bem-estar subjetivo dos estudantes do ensino superior: Um estudo nas residências universitárias* (Tese de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra). <http://hdl.handle.net/10316/25321>
- Dolan, P., Canavan, J., & Brady, B. (2008). Youth mentoring and the parent-young person relationship: Considerations for research and practice. *Youth & Policy*, 99, 33-42. https://aran.library.nui-galway.ie/xmlui/bitstream/handle/10379/218/B_Brady.pdf?sequence=1
- Eigen, C. A., Hartman, B. W., & Hartman, P. T. (1987). Relationship between family interaction patterns and career indecision. *Psychological Reports*, 60(1), 87-94. <https://doi.org/10.2466/pr0.1987.60.1.87>
- Ferreira, V. (2012). *Estudo sobre comportamentos de segurança, autoconceito, saúde mental e tamanho da rede pessoal social em estudantes universitários deslocados da sua residência de origem* (Tese de Mestrado não publicada). Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.
- Fiorini, M. (2017). *Perceção do funcionamento familiar, diferenciação do self e adaptabilidade de carreira de estudantes universitários* (Tese de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis). <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/177764>
- Guadalupe, S. (2016). *Intervenção em rede: Serviço Social, Sistémica e Redes de suporte social* (2ª ed.). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Guadalupe, S., Vicente, H., & Daniel, F. (2020). La galaxia relacional en la vejez según sexo y edad: contracción y gendarización de la red en cuestión. *Andamios, Revista de Investigación Social*, 17(42). <http://dx.doi.org/10.29092/uacm.v17i42.748>

- Kumar, P., Nabi, F., Mujoo, S., & Mir, A. (2016). *Social relationships in students' life: incentives or liabilities*. Comunicação apresentada no International Conference on Global Trends in Teacher Education, India. <https://www.researchgate.net/deref/http%3A%2F%2Fdx.doi.org%2F10.13140%2F2FRG.2.1.2946.7766>
- Lee, P., Hamman, D., & Lee, C. (2007). The relationship of family closeness with college students' self-regulated learning and school adjustment. *College Student Journal*, 41(4), 779-788. <https://eric.ed.gov/?id=EJ816802>
- Meléndez-Moral, J., Tomás-Miguel, J., & Navarro-Pardo, E. (2007). Análisis de las redes sociales en la vejez a través de la entrevista Manheim. *Salud Pública de México*, 49(6), 408-414. http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0036-36342007000600007
- Oliva, A., Jiménez, J. M., Parra, Á., & Sánchez-Queija, I. (2008). Acontecimientos vitales estresantes, resiliencia y ajuste adolescente. *Revista de Psicopatología y Psicología Clínica*, 13(1), 53-62. [http://aepcp.net/arc/\(5\)%202008\(1\).Oliva%20et%20al.pdf](http://aepcp.net/arc/(5)%202008(1).Oliva%20et%20al.pdf)
- Olson, D. (2011). FACES IV and circumplex model: Validation study. *Journal of Marital and Family Therapy*, 37(1), 64-80. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2009.00175.x>
- Olson, D., & Gorall, D. (2006). *FACES IV & the circumplex model*. Life Innovations. https://www.researchgate.net/publication/253361643_FACES_IV_the_Circumplex_Model
- Pallant, J. (2011). *SPSS survival manual: A step by step guide to data analysis using SPSS for Windows* (4ª ed.). Allenand Unwin.
- Pinheiro, M. (2003). *Uma época especial: Suporte social e vivências académicas na transição e adaptação ao ensino superior* (Tese de doutoramento, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação de Coimbra, Coimbra). <http://hdl.handle.net/10316/988>
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família: Perspectiva sistémica*. Edições Afrontamento.
- Seco, G., Pereira, I., Dias, I., Casimiro, M., & Custódio, S. (2007). *Construindo pontes para uma adaptação bem-sucedida ao ensino superior: Implicações práticas de um estudo*. Comunicação apresentada no IX Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, Madeira. <http://hdl.handle.net/10400.8/18>
- Seibel, B., Falceto, O., Hollist, C., Springer, P., Fernandes, C., & Koller, S. (2017). Rede de apoio social e funcionamento familiar: estudo longitudinal sobre famílias em vulnerabilidade social. *Pensando Famílias*, 21(1), 120-136. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000100010&lng=pt&tlng=pt
- Sequeira, J., Vicente, H., Daniel, F., Cerveira, C., Silva, M., Guadalupe, S., Espírito-Santo, H., & Guadalupe, S. (2021). Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale – Version IV (FACES-IV): Validation study in the Portuguese population. *Journal of Child and Family Studies*, 30, 1650-1663. <https://link.springer.com/article/10.1007/s10826-021-01941-3?fbclid=IwAR0ogrUwUblV-VS1oo1bqb9VlyS4qEBU9BdH57ss4adYtdUrFK7b66C2CHY>
- Silva, M. I. (2015). *Validação da FACES IV: O funcionamento da família em diferentes etapas do ciclo vital* (Tese de Mestrado, Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra). <http://repositorio.ismt.pt/handle/123456789/593>
- Silva, S., & Ferreira, J. (2009). Família e ensino superior: Que relação entre dois contextos de desenvolvimento? *Revista Exedra*, 1, 101-126. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3398329.pdf>
- Sluzki, C. (1996). *La red social: Frontera de la practica sistémica*. Gedisa Editorial.
- Smyth, E. (2016). Social relationships and the transition to secondary education. *The Economic and Social Review*, 47(4), 451-476. <https://www.esr.ie/article/view/628>

Teixeira, M., Dias, A., Wottrich, S., & Oliveira, A. (2008). Adaptação à universidade em jovens calouros. *Psicologia Escolar e Educacional*, 12(1), 185-202. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572008000100013>